

Audio Analogue Verdi Cento e Proac Studio 140 MKII



Um dos segredos para que um sistema dê o seu melhor reside na capacidade de conjugar sinergias, de modo a retirar o maior potencial possível das prestações dos seus elementos. Quer dizer, retirar mais do conjunto do que da soma das partes individuais.

Sabendo desta filosofia, os construtores de equipamentos afinam os seus projectos a partir de combinações que à partida lhes dão as garantias dos níveis de qualidade que procuram para oferecer ao audiófilo.

Sempre houve combinações famosas. Estou a lembrar-me da combinação Audio Research e Magneplanar, mas, a níveis mais acessíveis, sempre existiram e existem muitas outras que surpreendem por ultrapassarem de longe aquilo que seria de esperar tendo em conta a soma dos valores individuais dos componentes.

O sistema que hoje está em teste é a combinação do amplificador integrado Verdi Cento, da Audio Analogue, com o par de colunas Proac Studio 140 MKII. Uma combinação italo-britânica, para ficar tudo em família, que é como quem diz, dentro da União Europeia.

Audio Analogue Verdi Cento

O Audio Analogue Verdi Cento é um amplificador integrado híbrido e faz uso das válvulas na secção de pré-amplificação. As suas características técnicas incluem, por exemplo, um transformador toroidal com cinco enrolamentos secundários para as diferentes necessidades do sinal (incluindo um por canal na secção de amplificação), selectores de entrada de estado sólido de baixo ruído, ausência de realimentação nas etapas de pré-amplificação, ponte rectificadora e reguladores de tensão para as válvulas implementados a partir de componentes discretos, protecção electrónica calibrada e integrada contra sobrecargas e sobreaquecimentos, com benefícios directos

sobre a distorção sonora, uma entrada phono (Moving Magnet e Moving Coil) destinada a ligar directamente a saída de sinal de um gira-discos e, finalmente, componentes passivos de alta qualidade.

Se por dentro o Audio Analogue Verdi Cento recebeu uma atenção especial, por fora nota-se que o cuidado foi coerente com isso. A construção é excelente, com um painel frontal de alumínio escovado, em preto. Para além de dois botões de reduzidas dimensões, à esquerda do painel destinados à alimentação (Power) e, ao centro (Select), com a funcionalidade de escolha da entrada, o Verdi Cento apresenta à direita um botão de grandes dimensões para o comando do volume e que realiza, também, em simultâneo a função de *stand-by*. Quando rodado até ao mínimo, dispara um estalido que estabelece a separação entre comando de volume e a função de *stand-by*. Em sentido contrário acontece, naturalmente, o inverso. Em utilização, o botão não roda, tendo apenas a possibilidade de se

movimentar ligeiramente para a esquerda ou direita, de acordo com o sentido do comando que pretendamos ver executado. A tradicional rotação do botão é aqui substituída por um círculo de *leds*, azuis no caso concreto, que circundam o botão e acendem ou apagam de acordo com o nível do volume sonoro. Os *leds* azuis são também extensivos ao interruptor da alimentação e a cada uma das entradas, sendo neste caso dispostos em fila junto do botão selector das mesmas (três de cada lado).

O Verdi Cento dispõe, por isso, de seis entradas numeradas. Exceptuando a primeira, com a indicação «Phono» e que se destina, repito, à entrada de gira-discos, todas as outras (entradas de linha) são numeradas de 2 a 6. Acaba-se, assim, a velha nomenclatura CD, Tuner, Aux, etc., que tão pouca utilidade tinha, dado que as características são, na maior parte dos casos, idênticas. Nota positiva, pois, para aquilo a que chamaria, a este nível de preços, uma inovação. O volume de som e a escolha da entrada

podem, também, ser comandados a partir do comando à distância, situação em que os *leds* respectivos funcionam do mesmo modo que quando accionados pelo comando directo, no painel.

Por trás, este Audio Analogue possui a entrada para um cabo de corrente à escolha do utilizador (um cabo para o efeito acompanha, naturalmente, o exemplar) e apresenta uma fila de saídas de potência (para as colunas, portanto) implementadas por dois terminais, esquerdo e direito, visivelmente de boa qualidade. Não há entradas balanceadas para o sinal: as entradas são simples e concretizadas pelas usuais fichas RCA.

Proac Studio 140 MKII

As Studio 140 MKII são um modelo de chão da marca inglesa, com caixas de 1,04 m de altura, destinadas a funcionar sobre *spikes*, que acompanham o par e que se apresentam como um projecto de duas vias, concretizadas por três unidades.

As unidades de médias/baixas frequências são cones de polipropileno reforçado com fibra de carbono, com 6,5 polegadas de diâmetro e calota anti-ressonante. O *tweeter* é uma cúpula de seda com 1 polegada de diâmetro.

O *crossover* é um circuito de alta qualidade que utiliza componentes de primeira escolha e cablagens com cobre livre de oxigénio, permitindo também configurações em bicablagem e/ou biamplificação. Para tal, foram duplicados os terminais de entrada de sinal.

As Studio 140 MKII estão disponíveis nos acabamentos cinza escuro, mogno, cerejeira e carvalho.

Uma palavra relativa aos manuais de ambos os equipamentos. À atenção da Imacústica, distribuidor em Portugal de ambas as marcas: os manuais não estão escritos em português e, como se sabe, é legalmente obrigatória a inclusão de manuais em português para qualquer equipamento à venda entre nós.

Audições

O equipamento em teste foi ligado em simultâneo, complementado pelo meu conjunto digital Sonic Frontiers SFT-1/SFD-2 MKII. No entanto, se não tive oportunidade de ouvir o Audio Analogue isoladamente com os restantes componentes do meu sistema residente, essa possibilidade existiu relativamente às Proac. Ou seja, para além dos meus Sonic Frontiers como fonte de som, liguei as Proac aos Krell FPB-250M e, entre estes e os Sonic Frontiers, o pré-amplificador Mark Levinson Nr. 326S, uma máquina excepcional em todos os aspectos de funcionalidade e também, especialmente, da qualidade sonora, que me fez ficar verdadeiramente impressionado.

Não tive oportunidade de fazer audições a partir da entrada Phono do Verdi Cento, dado que necessitaria de um cabo de gira-discos significativamente mais longo que o meu Lapis da Audioquest, que tão boa memória deixou nos seus possuidores que tiveram o privilégio de o adquirir nos tempos em que fazia parte da gama de produtos da marca americana. Infelizmente, pelo motivo que expliquei, não poderei referir as impressões de audição nesta entrada, embora saiba que hoje em dia são poucos os audiófilos que fazem dela um exclusivo meio de ligação com a fonte.

Sobre as cablagens, utilizei a minha habitual receita: para as colunas os Harmonic Technology Magic Refence em versão de bicablagem. Nas ligações, os meus Wire World, balanceados, ligados entre a saída do SFD-2 MKII e as entradas simples do Audio Analogue através de adaptadores Neutrik.

Para terminar, não quero deixar de referir que, dada a minha utilização intensiva dos cabos de corrente de minha própria construção, não quis in-



TESTE Audio Analogue Verdi Cento e Proac Studio 140 MKII



trouzir mais uma variável no sistema e utilizei para o efeito um dos meus cabos de corrente na alimentação do Verdi Cento, possibilitando com isso um juízo sobre o conjunto Audio Analogue/ Proac sem que tenha sido afectada a qualidade da corrente AC relativamente ao habitual. Como é reconhecido por (quase) todos, este é um factor determinante na qualidade final da sonoridade de qualquer sistema.

Música

Sem querer alongar-me ou ser muito exaustivo na apreciação do conjunto, vou resumir as minhas impressões de audição, até porque o leitor procura fundamentalmente saber quais os aspectos gerais da prestação de qualquer sistema, para que possa decidir pela sua eventual compra, tendo em conta os traços gerais da personalidade sonora do equipamento. Isto, para além, naturalmente, das questões funcionais e/ou de acabamento, incluindo, claro, os aspectos estéticos.

Numa longa aventura dedicada à rodagem dos circuitos, o sistema esteve durante duas semanas (apenas durante as horas do dia) em constante reprodução de uma faixa de ruído branco. Sim, ruído branco e não ruído rosa, já que ambas as opções são possíveis no disco de teste da Nordost. Imagino que seja impossível introduzir ruído branco, de largura de banda infinita, numa gravação para CD, cuja largura de banda é de 22,05 kHz. No entanto, técnicas de gravação com frequências de amostragem mais elevadas e a consequente filtragem digital podem permitir alargar o âmbito da largura de banda do ruído rosa (correspondente às frequências audíveis) e a esse ruído, agora com um espectro mais alargado, a Nordost terá chamado ruído branco. Já que o ruído branco é apenas uma abordagem teórica matemática e conceptual, aceitar-se-á que, se a largura de banda exibida pelo ruído, cuja gravação faz parte do CD de teste da Nordost, ultrapassa de modo considerável as frequências do ruído rosa, podemos considerá-lo, então, como ruído branco. O que é facto é que soam ambos de forma muito diferente e, por isso, de algum modo haverá uma razão para lhe chamarmos ruído branco e não ruído rosa.

Para o prolongado período de rodagem do conjunto muito contribuiu a observação que o Pedro Duarte, da Imacústica, me fez, relativamente ao tempo necessário para o efeito, no caso das Proac. Para evitar dissabores provocados por deficiente tempo de rodagem, resolvi, talvez exagerando, prolongar os tempos de queima dos circuitos, facto que me custou um atraso indesejável na elaboração deste teste. Mas cá estou, pronto a transmitir-vos as minhas impressões.

Começando pelas Proac, pude apreciar as suas características isoladamente, quando ligadas a todo o meu sistema, apenas substituindo as Apogee Duetta MKII, tal como expliquei acima. As Studio 140 MKII mostraram-se à altura da situação, surpreenderam-me mesmo, ao mostrarem uma definição espacial e outras qualidades insuspeitas. Com uma sonoridade um pouco magra comparativamente com a das Apogee, outra coisa não seria de esperar, já que este é, sem dúvida, um dos pontos mais fortes das minhas colunas. Em contraste, mostraram-se mais ágeis e portanto com uma capacidade de responder a transitórios que considero no mínimo, interessante. Como corolário do que digo sobre as Studio 140 MKII, quero referir que viveria feliz com um par de colunas deste modelo. Penso que não preciso de dizer mais nada.

Mas foi no conjunto com o Audio Analogue que as Proac mostraram verdadeiramente a sua compleição: perdendo de algum modo os níveis de resolução que tinham demonstrado com os Krell, as Proac mostravam-se agora mais envolventes, mais musicais, permitindo usufruir da música sem quaisquer limitações de monta a assinalar.



Fundamentalmente, este conjunto mostrou-se muito equilibrado nas suas capacidades, com destaque (positivo) para duas características que me deixaram muito favoravelmente impressionado: a qualidade das baixas frequências e o carácter espacial do palco sonoro, que considero muito acima do que o preço do conjunto deixa adivinhar. Sobre as baixas frequências, são transparentes e com uma riqueza harmónica muito difícil de encontrar, mesmo em equipamentos de classe superior. O baixo é rico de cor, articulado, rápido e, para além de tudo, extenso! Uma pérola a que não é alheio, certamente, o projecto de caixa fechada das Studio 140 MKII. Apesar da evolução dos projectos de caixa aberta, com o tradicional sistema de reflex, a prova de que nem sempre a evolução consegue ultrapassar limitações está neste projecto do construtor inglês.

Por outro lado, também não será alheia a toda a qualidade demonstrada pelas baixas frequências deste conjunto, naturalmente, a boa sinergia obtida na ligação com o Verdi Cento, cujo projecto inclui válvulas, que, como é sabido, conferem uma riqueza harmónica difícil de igualar pelos projectos a transístores.

Mas foi a especialidade que senti ser a grande qualidade deste conjunto. O completo «anulamento» das colunas, por

ausência quase perfeita de efeito de caixa, e a tridimensionalidade do palco sonoro mostram como é possível, num projecto de um relativo baixo preço, propor níveis de qualidade quase impensáveis há apenas alguns anos. Só para terminar este aspecto, o palco sonoro é bem delineado, com profundidade audível atrás das colunas, contrariamente aos habituais palcos sonoros afunilados, em que só há profundidade a meio do espaço entre as colunas. Muito bem!

O conjunto mostrou-se à vontade com qualquer tipo de música, quer a reproduzir a voz de Paul Simon, a dinâmica e os ritmos do Ray Brown Trio em *Summer Wind*, por exemplo, os timbres dos diferentes violinos de Acardo em *As Quatro Estações* de Vivaldi, em gravação Philips, ou ainda as necessidades dinâmicas da massa orquestral da 9ª Sinfonia de Beethoven pela Orquestra Filarmónica de Berlim/Herbert von Karajan, em gravação DG.

Se tiver de apontar uma menor qualidade nas prestações do conjunto, referiria talvez uma necessidade de refinar um pouco mais as altas frequências. Não são granuladas e no fundamental convencem, mas algum refinamento daria ao conjunto um nível excepcional, com um requinte adicional a acrescentar a uma prestação já de si de altíssima qualidade, tendo em conta o preço

em jogo. Sem dúvida que os resultados conseguidos foram-no, em grande parte, devidos às contribuições individuais, mas a sinergia do conjunto traz-lhe uma qualidade sem dúvida mais alargada.

Compreendo, por isso, que a este nível já é muito o que o conjunto Verdi Cento/ Studio 140 MKII consegue. Um refazer do projecto para lhe conferir ainda maiores qualidades nas altas frequências, muito provavelmente implicaria um acréscimo de custos que não seriam comportáveis, dado o *target* de mercado.

Para finalizar, para quem exige um veredicto, se ainda tem dúvidas sobre o que escrevi: este é um conjunto de qualidades acima da média, tendo em conta os preços envolvidos, e que pode trazer momentos de satisfação compensadores pelo valor gasto na sua compra. Altamente recomendado.

Características

Impedância nominal: 8 Ohm, mínimo 4 Ohm
Amplificador recomendado: 15 a 250 Watt
Resposta em frequência: 25 Hz a 30 kHz
Sensibilidade: 91 dB (1 Watt a 1 metro)

Preço A. Analogue Verdi Cento: 1.799 €

Preço Proac Studio 140 MKII: 2.100 €

Representante: Imacústica

Telefone: 22 519 41 80

Web: www.imacustica.pt